

Universos da devoção, sabedoria e moral – as Bibliotecas Juvenis Garnier (1858 e 1920)

Universes of devotion, wisdom, and moral – Garnier's Libraries for the Youth (1858 and 1920)

Andréa Borges Leão¹

RESUMO

O artigo analisa as coleções para crianças e jovens apresentadas nos catálogos de venda da livraria carioca de Baptiste-Louis Garnier para o ano de 1858, e de seus sucessores, para 1920. Como modelo da política de exportação da indústria editorial francesa e, com isso, de formação do patrimônio de obras necessária ao desenvolvimento de nosso comércio livreiro e autonomia literária, os Garnier apostaram na longevidade do gênero "clássicos infantis", reeditando-os e adaptando-os, o que demonstra uma intrincada rede de relações entre sua filial latino-americana e a matriz francesa, bem como os efeitos de um trabalho de formação do gosto literário.

Palavras-chave: História Editorial; Literatura Infantil; Coleções Juvenis

ABSTRACT

This paper analyses the child-oriented collections contained in the year 1858's catalogues of the bookstore Baptiste-Louis Garnier, located in Rio de Janeiro, and their further developments in 1920. As a model of the export policy of the French publishing industry, and consequently the heritage formation of the works necessary for the development of our bookselling trade and literary autonomy, Garnier strongly believed in the long-lasting feature of the "classical child genre". Accordingly, those collections have been adapted and republished, which demonstrates an intricate relationship between its Latin American subsidiary and the headquarter in France, as well the effects of the formation of a literary taste.

Keywords: Publishing History; Child Literature; Child Collections

¹ Professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFC (Fortaleza, Brasil). E-mail: dealeao@secret.com.br.

PRIMEIRAS ROBINSONADAS

A história cultural dos livros infantis descreve movimentos de continuidade e ruptura entre matrizes classificadas ora como populares, ora como eruditas, pedagógicas e literárias. Nas suas origens, muitos dos textos literários hoje clássicos podiam ser endereçados tanto às crianças como aos adultos, ficando a diferença marcada pelas práticas culturais e pelos modos de representação e apropriação, que, por sua vez, causam efeitos de longa duração. Por isso é que há obras que permanecem no tempo, tornam-se por longos anos grandes sucessos de livraria, adquirindo novos sentidos na passagem de um público a outro. Nesse processo, as intervenções editoriais ousam ir muito longe. Fica a cargo delas o estabelecimento de códigos de recepção dos textos, porque são as edições que organizam as obras em classes de gêneros e temas, recomendando leituras para cada idade.

A questão dos critérios de adaptação ao público infantil, o teor de moralidade e aborrecimento das narrativas, suas razões pedagógicas e tudo o mais que vem acompanhando a história da produção literária infantil ganha consistência maior quando se consideram as configurações culturais nas quais se produzem os textos. A partir daí, outras funções são atribuídas ao editor: o controle das publicações, a fim de guiar os leitores nas maneiras de ler; a construção de uma ordem dos textos, reunindo-os em coleções e bibliotecas; a organização de um patrimônio de obras que permita a invenção da história do gênero.

Sendo assim, o projeto da Livraria Garnier para a formação dos jovens leitores brasileiros, a partir de meados do século XIX, exprime a vocação exportadora do mercado do livro francês como um todo e, em consequência, o intenso movimento das trocas culturais iniciado pela circulação internacional dos textos. As operações de exportação do livro, aliadas a uma política de distribuição baseada na disseminação de pontos de venda pela América Latina, ensejam a transferência de capital literário para os países de produção ainda incipiente. No caso específico do Brasil, o que poderia ser um projeto de colonização cultural, de pura e simples imposição de bens de consumo, permitiu o acúmulo de capital simbólico necessário à autonomização da literatura nacional, já em vias de constituição.

Na produção cultural infantil, o francês Baptiste-Louis Garnier, que migrou para a Corte do Rio de Janeiro em 1844, é personagem decisivo. Esse comerciante de origem normanda investiu no trabalho de difusão de obras clássicas européias, já de largo sucesso comercial em seus países de origem, apostando na durabilidade de diversos gêneros, vendendo, editando e reeditando por longos anos contos de fadas, literatura de viagens, fábulas, biografias de vidas exemplares, tratados de educação e coleções de obras cristãs (e não apenas para o leitor juvenil). Figueiredo Pimentel, Olavo Bilac, Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida, pioneiros na escrita, tradução e adaptação de textos de ficção para crianças, certamente demandaram em seus trabalhos o acesso às histórias do patrimônio literário universal constituído nos séculos precedentes, como os famosos *Contos de Perrault*, as *Aventuras de Robinson Crusóó*, de Daniel De Foe, o célebre *Télémaque*, de Fénelon, ou romances fontes, como *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre, todas obras importadas e vendidas pelos livreiros franceses radicados no Rio de Janeiro. A crônica da história intelectual brasileira não se cansa de lembrar que a livraria Garnier foi palco de animadas reuniões e encontros literários - todos para lá acorriam em busca de novidades.

A instalação da livraria francesa no Brasil traz, ainda, a ampliação da oferta das obras e coleções dos grandes nomes da literatura adulta universal, como a popularização de autores do romantismo francês, que, de outro modo, não seriam, ou seriam menos facilmente, conhecidos. A literatura mais admirada do mundo era produzida em Paris. A venda de livros importados também possibilita, para a livraria Garnier, a acumulação primitiva do capital econômico para a impressão da literatura nacional.

Somente no final do século XIX é que são feitas as traduções para o português dos títulos mais importantes, a exemplo das edições populares da obra de Júlio Verne, testemunhas do bom negócio que o Garnier do Brasil fazia com a casa Hetzel, de Paris. Posteriormente, essas obras são adaptadas ao gosto dos jovens leitores brasileiros e passam a ser produzidas no Brasil e a circular em várias edições até a década de 1930. Ao mesmo tempo em que contratam o trabalho de autores-tradutores, os próprios livreiros se lançam na tarefa de adaptação dos textos, intervindo nas narrativas, alterando passagens, enfim, tomando precauções contra o que entendiam ser "o envelhecimento do estilo" de autores já caídos, nas portas do novo século XX, em domínio público. Essa é, aliás, a função desempenhada pelos Garnier, de Paris. Nas obras traduzidas pelo selo, destaca-se a coleção do Cônego

Schmid, um autor alemão muito lido e publicado nas bibliotecas de formação moral e cristã das mais famosas casas editoras da província, que teve como primeiro tradutor brasileiro Nuno Álvares.

A justa compreensão da formação da literatura infantil brasileira, com os jogos textuais de instrução e diversão, ilusão e aconselhamento moral, deste modo, deve partir da historicidade das práticas comerciais e dos processos a partir dos quais esses textos ganham publicidade. As relações de interdependência entre os produtores – autores, livreiros-editores, críticos literários e leitores –, ainda que tensas, estão na base do processo de construção dos significados e valores dados às obras, em cada conjuntura específica. Esse processo se torna ainda mais interessante quando estão envolvidas as trocas internacionais.

Início, então, pela trajetória comercial dos irmãos Garnier, de sua política para o livro infantil no Brasil e da publicação das Bibliotecas da Juventude nos catálogos de vendas de 1857-1858 e 1920 da Livraria de Baptiste-Louis Garnier, na Rua do Ouvidor. Chamo essas iniciativas de “primeiras robinsonadas”, visto que todo colono empreendedor no domínio cultural tem um pouco do personagem Robinson Crusoe. Todo país estrangeiro é uma ilha deserta. O romance fonte de De Foe – uma narrativa de louvor ao mérito, ao trabalho e à astúcia individual face às dificuldades da natureza – traz as marcas de um estilo de vida e bem ilustra os lances dos heróis livreiros nos primeiros tempos da edição no Brasil. Não por acaso esses estrangeiros devotam tanto gosto pelas histórias de viagens e vidas de viajantes. Resta uma questão sem resposta: quais as razões íntimas de uma partida? Felizmente, nem todas as viagens são feitas de naufrágios e a livraria francesa lograva fincar raízes no Brasil.

Em seguida, observo o sistema de organização e classificação interna dos catálogos, as relações das obras entre si e os esforços de sistematização dos textos em diversos gêneros editoriais. Estabeleço comentários sobre o regime da produção editorial tanto para o público francês quanto brasileiro, incluindo a análise da produção de textos de narrativas morais que elegem o Brasil como tema. Em um autêntico processo de troca cultural, enquanto a livraria francesa se instala no Brasil, o Brasil é feito objeto da produção literária na França. As diferenças que suscitam esse país tropical, com seu labirinto de florestas, índios antropófagos e escravos negros, conquistam lugar privilegiado em novas operações escriturárias.

O BOM NEGÓCIO DOS GARNIER FRÈRES:
EXPORTAÇÃO DE LIVROS ERÓTICOS E RELIGIOSOS

De início, afasto a hipótese que encerra a história da livraria francesa no Brasil como mera ação colonialista. Não é uma pura concessão ao consumo de produtos importados, marca do gosto de um público burguês sedento por novidades européias, que orienta a partida do irmão mais novo, Baptiste-Louis, para difundir o livro francês na América Latina. Para que esse normando venha a se tornar, no Brasil, o “inventor da literatura nacional” (Mollier, 1999), o primeiro a remunerar os escritores² e, com isso, ilustrar a dinâmica difusora de modelos da edição francesa no século XIX, os outros irmãos Garnier necessitam trilhar os primeiros passos de um longo e acidentado percurso comercial em Paris. O primeiro da família a chegar à capital é Auguste-Désiré, em 1824,³ vindo de Lingreville, uma pequena cidade da Baixa Normandia. Com pouco tempo, seguem-no os outros três irmãos, François Hippolyte, Pierre-Auguste e Baptiste-Louis. Hippolyte, Auguste-Désiré e Pierre-Auguste conseguem a autorização, para cada um, do exercício da profissão de livreiro.

Até a compra do prédio para a livraria parisiense no endereço mais *chic* da capital – as galerias do *Palais-Royal* –, em 1837, os três enfrentam muitas dificuldades. O acervo da casa, uma sociedade entre Auguste e Hippolyte, vai sendo formado pouco a pouco e com muito senso de oportunidade. Os dois irmãos adquirem os direitos de venda de outras casas editoras, bem como os fundos comerciais dos que abriam falência e liquidavam todo o estoque.⁴ Esses fundos compreendem o mobiliário, os livros e todas as propriedades literárias, que são os direitos sobre obras, às vezes, de grandes autores. Em 1841, os Garnier adquirem os fundos do editor Delloy e, em 1849, os de Salvat. Com o patrimônio da livraria Salvat, abrem a livraria espanhola Garnier Hermanos. Em seguida, vão enriquecendo seus catálogos

² Mesmo que através da compra definitiva da propriedade da obra de um escritor. Sobre o teor dos contratos literários da casa carioca, ver: Lajolo e Zilberman, 2001.

³ De acordo com o documento *Portraits de Libraires – la famille des Garnier*. Extrait du Bulletin de L'Association. Assinado por H.C. Libraire-expert au Tribunal de la Seine. Paris: A. Fleury, 1913.

⁴ Compreendemos muito bem o que significa, em meados do século XIX, a compra dos fundos comerciais de uma livraria em falência quando examinamos os respectivos contratos. Exemplo de uma grande disputa entre livreiros em torno da propriedade da obra do Conde de Ségur.

com a edição literária própria de manuais escolares e dicionários. Nesse período, mudam-se para a Rua de Saints-Pères, endereço conhecido dos leitores brasileiros, porque constava na folha de rosto dos livros vendidos na filial carioca. Essas estratégias se acompanham da busca de outras fontes de acumulação de capital, como o investimento em ações da Bolsa de Valores e a compra de imóveis situados nos mais valorizados *boulevards*.

Ainda que comprar ações da “Caminho de Ferro” possibilite dinheiro vivo nas mãos, o melhor negócio dos Garnier é a venda e exportação de livros e estampas pornográficas. O bom negócio do livro obsceno resulta tão importante e lucrativo quanto o acúmulo de capital social de relações representado pela frequência dos escritores românticos em animadas reuniões na livraria do *Palais-Royal*. Lembre-se que, mesmo as estampas sendo impressas nas tipografias da periferia e vendidas nos esconderijos da loja, é preciso enfrentar a vigilância policial, censura, multas e ameaças de prisão, ameaças que atingem, em especial, Pierre-Auguste, que acaba se especializando no ramo.

Segundo Jean-Yves Mollier (1988), dos três irmãos, Baptiste-Louis é o escolhido para difundir o comércio ilícito na América Latina. A difusão internacional desses livros acompanha-se dos melhores romances de Alexandre Dumas, Victor Hugo, George Sande, Balzac, assim como essa literatura de última novidade acompanha-se dos livros de artes militares, religião, filosofia, direito, política, entre outros gêneros e outras línguas, como alemão, italiano, inglês, espanhol, grego e latim.

Voltemos, ainda, para a atividade dos irmãos Garnier em Paris. Eles também adquirem a editora do abade Migne, famosa pela produção de livros de grande erudição em história e teologia. Isso porque, para construir seu império mercantil e a rede de difusão internacional, os livreiros parisienses necessitam, sobretudo, da exportação de livros religiosos, que formavam as coleções de leituras espirituais e se compunham de catecismos, manuais de práticas piedosas, Bíblias e livros de primeira comunhão – endereçados ao consumo popular –, bem como de uma literatura de alto nível, edificante e moral, com exercícios de estilo, destinada a um público mais cultivado e que sabia escrever.

Há uma atenção especial em oferecer livros de romances piedosos às crianças e jovens franceses e brasileiros. As bibliotecas de livros infantis trazem leituras destinadas à interiorização de regras religiosas, à formação

da alma e à educação para a devoção. Na França do século XIX, a Igreja Católica reina sobre a formação moral e espiritual da juventude. Há, nessa época, autores exclusivos das editoras católicas, como, por exemplo, coleções da Casa Alfred Mame, da cidade de Tours; da Livraria da família Ardant, de Limoges; e das coleções dos famosos livreiros Mégard, de Rouen.

Assumindo a função de entreposto comercial dessas casas, Baptiste-Louis revela autores e livros ainda inéditos para o público brasileiro, mesmo tratando-se de nomes consagrados na Europa. Ao lado das narrativas de viagem, de Gulliver e de todas as variações das *Aventuras de Robinson Crusóé*, bem como das obras contando as maravilhas inventadas pela indústria moderna, a pedagogia da edição católica infantil aponta principalmente para a preocupação em oferecer às crianças brasileiras uma literatura já celebrada e consagrada entre as crianças da Europa. Obras de autores clássicos da literatura infantil e juvenil, na maioria reedições das fórmulas literárias de sucesso no século XVIII, como Berquin, Bernardin de Saint-Pierre, as Mme. de Genlis, Le Prince de Beaumont, Guizot e Delafaye-Bréhier, até Cervantes, passam a ser vendidas na livraria de Baptiste-Louis Garnier.

Os textos de práticas devotas encontram todo o sentido nos interiores europeizados das famílias burguesas e com algum verniz aristocrático. Os livreiros parisienses sabem que os novos leitores americanos portam em si a herança da tradição ibérica e que de há muito estavam familiarizados com as obras cristãs, mesmo que, quando adultos, viessem a ler e admirar as cenas das brochuras eróticas e baratas. Só assim estaria resguardado o objetivo maior da casa parisiense: "tocar a alma latina", que, para o bem de nossa história, significa efetivamente a criação das condições monetárias para a publicação de escritores como José de Alencar e Machado de Assis, Gonçalves Dias e Olavo Bilac. Só assim fica igualmente resguardado o retorno à moralidade pública, que tanto convém à casa matriz. Como diz Jean-Yves Mollier (1988), não são nada nobres as origens da acumulação primitiva do capital, ainda que se tratando do comércio de livros.

DA FRANÇA PARA O BRASIL: A LOJA DO RIO DE JANEIRO E A ADMINISTRAÇÃO DE PARIS

Em 24 de junho de 1844, Baptiste-Louis chega no Rio de Janeiro. De há muito o Brasil ocupava a imaginação dos franceses. Entre eles, havia grande disposição para aprender com as viagens e não menos para se entreter

com a leitura de suas narrativas. Desde a crônica de Jean de Lery,⁵ passando pelos missionários jesuítas e pelos artistas, chegando aos contemporâneos Ferdinand Denis e Auguste de Saint-Hilaire e às mulheres de letras, como Julie Delafaye Bréhier, Victorine Monnot e Amélie Schoppe,⁶ responsáveis pela entrada da colonização americana como tema do livro juvenil, descrevendo-o ou simplesmente supondo-o, os franceses iam escrevendo o Brasil. Naturalizando-o pelo discurso da ciência ou representando-o na ficção romântica, os intelectuais europeus produziam textos, punham um país no processo de produção de imagens, imprimindo-as e publicando-as. Em suas narrativas, crença e desejo, medo e curiosidade revestem as figuras dos selvagens habitantes dos trópicos, praticantes da antropofagia (o horripilante canibalismo, que tanto ocupava o medo infantil), objetos da ciência natural, outrora alvos da catequese religiosa e, agora, dos dispositivos morais da nova pedagogia.

A compreensão dos costumes americanos como fato moral ocupa o centro dos debates científicos. Toda a força desse debate é demonstrada no sistema de divisão e classificação do mundo em reinos – animal, vegetal e mineral – operado por esse discurso e representado na escolha das obras para a composição das coleções para a juventude. Do lado da religião, não importa tanto a observação da prática litúrgica e sacramental, mas a difusão de uma cristianização da civilidade.⁷ Ademais, a França revolucionária horroriza-se ante a escravidão negra. Por isso, avento que os irmãos Garnier deviam ter um conhecimento prévio do Brasil, antes de fazer a escolha e correr todos os riscos do negócio do livro na capital do vasto império do país, quase todo de analfabetos.

5 O protestante francês Jean de Léry (1534-1613) empreendeu uma viagem ao Brasil em meados do século XVI, com um projeto de implantar uma *France Antartique*. Essa experiência lhe valeu a escrita de uma primeira narrativa de viagem sobre o Brasil, *L'Histoire d'une Voyage Fait en la Terre du Brésil*.

6 Das mulheres de letras que escreveram sobre o Brasil para leitores crianças e jovens, na França do século XIX, cito, respectivamente, as obras: *Portugais D'Amérique*. Souvenirs Historiques de la Guerre du Brésil en 1635, de 1847; *Le Journal de Marguerite – Souvenirs D'enfance à l'île Bourbon (la Réunion 1835-1845)*, de 1862; *Les Émigrants au Brésil*, de 1847. Essa última autora foi uma alemã traduzida e imitada na França.

7 O termo "cristianização da civilidade", aqui, é utilizado no sentido da entrada das noções religiosas no ensino e aprendizado das regras de conduta moral. Mas ele também pode significar a rejeição da civilidade como polidez mundana em troca das homenagens rendidas a Deus. A esse respeito, consultar o *Catálogo Rouen, le livre et l'enfant, 1700-1900*, la production rouennaise de manuels et de livres pour l'enfance et la jeunesse. Musée National de L'Éducation, 1993.

Baptiste-Louis abre sua loja no número 69 da Rua do Ouvidor, onde permanece até 1878. Trabalhando intensamente, busca autonomia em relação aos irmãos, passando, em 1857, a assinar as publicações com as indicações de B. L. Garnier. Contudo, nos catálogos de venda para esse mesmo ano e para o precedente, ainda inteiramente em francês, nota-se a dependência em relação à casa matriz quando lemos o seguinte aviso ao leitor: “fazemos notar que nossas colagens, sendo confeccionadas em Paris pelos mais hábeis artesãos, e sob os olhos e a vigilância de nossos irmãos, oferecem as melhores garantias pela solidez, como pela elegância e o bom gosto”.⁸

O livreiro faz questão de assinalar que sua loja é a mesma de Paris. Para os brasileiros fascinados pela França, essa tomada de posição é mais que conveniente à legitimidade de que se necessitava revestir os produtos da casa. As técnicas de colagem do papel (*reliure*) não apenas definiam a qualidade da impressão, mas principalmente influenciavam a escolha do leitor e o gosto pela obra.

Se Baptiste-Louis conquista uma autonomia relativa em relação a seus irmãos, a recíproca é verdadeira. Em 1878, os Garnier de Paris adquirem os fundos comerciais da livraria portuguesa e espanhola Hamonière, oferecendo aos franceses um sortimento de dicionários bilingües, gramáticas e manuais de conversação, além de romances, livros escolares e literários para crianças, todos em português. Dentre essas obras à disposição na livraria de Paris, situada na agora denominada “Rua dos Santos Padres”, destaca-se uma assaz interessante *Coleção aos Pedacos*, que, juntando Berquin com João de Barros, Fénelon com Freire de Andrada, ilustra bem a vocação internacional de Hippolyte Garnier. Essas obras do fundo Hamonière são enviadas da França para o Brasil já devidamente traduzidas para o português. Note-se que, na folha de rosto dos livros, é suprimido o endereço brasileiro, constando apenas *Livraria de Garnier Irmãos*.⁹

Ressalte-se que o Rio de Janeiro era a sede de uma Corte que sempre mantivera relações culturais bastante próximas com a França. Atestam-no os livreiros Aillaud e Guillard, que, em 1866, assinam seus catálogos de

⁸ Tradução própria. Catalogue de la Librairie de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1858.

⁹ Catálogo de venda com notícias de livros infantis anexas ao livro *Paulo e Virginia*, de Bernardim de Saint-Pierre. Paris: Livraria de Garnier Irmãos, 1878.

livros portugueses vendidos em Paris como “livreiros de suas majestades o Imperador do Brasil e El Rei de Portugal.”¹⁰

No Rio de Janeiro, Baptiste-Louis é durante muito tempo alvo de intrigas veiculadas nos jornais por imprimir suas publicações nas tipografias utilizadas por seus irmãos, onde mantém revisores para as provas em português (Hallewell, 1985). Essa escolha tem motivação comercial. A indústria gráfica brasileira é ainda incipiente, levando os editores a imprimir os livros nas tipografias dos jornais. Apenas em 1873 Baptiste-Louis manda vir da Europa material de composição e máquinas mais aperfeiçoadas. Contando com o trabalho de Charles Berry, passa a ter sua própria tipografia, a Tipografia Franco-Americana. Segundo Hallewell (1985), a livraria Garnier do Rio de Janeiro possui um corpo de revisores técnicos altamente qualificado. Resta saber se os irmãos franceses, já tendo, a essa altura, acumulado uma grande fortuna imobiliária, enviavam alguma soma em dinheiro para auxiliar as atividades do mais moço, no Rio de Janeiro.

Até chegar ao livro brasileiro e conectar-se, de fato, à lógica comercial e industrial que regia o negócio de seus irmãos em Paris, é necessário a Baptiste-Louis muito trabalho de tradução e adaptação, destacando-se o estabelecimento de relações com os intelectuais portugueses, como Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga, formando vínculos entre o Brasil, a França e Portugal. No Rio, os tradutores da Casa são escritores consagrados, importantes homens de imprensa, como Salvador de Mendonça, Fernando Reis, Jacinto Cardoso e Ramiz Galvão. Cada edição tem um preço fixo, e Garnier não admitia abatimentos, o que talvez explique a compra de todos os direitos de publicação dos manuscritos dos escritores com os quais firmava contrato.

A saúde de Baptiste-Louis não sobrevive à passagem do século. Ele falece no dia primeiro de outubro de 1893. É bastante sabido que sua livraria mantém o mesmo funcionamento das academias literárias – palco de sociabilidade com poderes de reconhecimento, celebração e consagração de todo escritor aspirante à glória. A partir de 1901, passa a ser local para as reuniões dos mais festejados homens de letras que, na nova loja, cultuam a exibição como valor agregado à sensibilidade e ao gênio. Tudo agora marcado

¹⁰ Catálogo de venda dos livros portugueses, latinos, franceses, da Casa da V. J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1866.

pelas cores e alegrias *bellepoqueanas*, fundando uma sociabilidade tão mais livre quanto superficial, longe do ranço aristocrático característico aos tempos do velho Baptiste-Louis.

Hippolyte substitui o irmão mais novo no comando dos negócios, voltando a casa a ser filial da Garnier Frères, de Paris. Hippolyte, que jamais veio ao Brasil, embora herde uma fortuna de quase 7.000 contos,¹¹ decide enviar um gerente francês para a administração da loja, prática seguida por seu sucessor e sobrinho Auguste-Pierre. Julien Lausac, o gerente, cujo trabalho com livros era devido a Jacinto Silva, fala mal o português, mas é responsável pela inauguração do novo prédio da livraria, em 1900. Hippolyte falece em 1911, aos 85 anos de idade, e Lansac se demora apenas dois anos no Brasil. Auguste-Pierre, o sucessor da matriz francesa, destaca-se por fundar importantes revistas literárias e por publicar numerosos poemas de inspiração católica. Ao Rio de Janeiro, envia Emile Izard.

Como momentos marcantes da política editorial de Hippolyte destacam-se: o sucesso e tradução de *Canaã*, romance de Graça Aranha, em 1902, com sucessivas edições; a tradução para o francês e o espanhol das obras de Machado de Assis; a tradução do famoso livro *Porque Eu Me Ufano de meu País*, do Conde de Afonso Celso. Hippolyte Garnier foi grande difusor da literatura hispano-americana por todo o mundo. Em 1900, a livraria espanhola Garnier Hermanos em Paris era considerada a melhor em obras nessa língua.

A última fase da livraria Garnier no Brasil, que vai dos anos de 1920 até 1934, assinala a prática da reedição de clássicos da literatura, nacional e estrangeira, em coleções de um mesmo autor, estratégia para a ampliação das vendas face à perda de prestígio da cultura francesa. Essa decisão pode igualmente demonstrar as dificuldades financeiras da matriz, uma vez que, tendo uma obra caído em domínio público, não se necessita mais pagar os direitos de um autor. A livraria Garnier do Rio de Janeiro fecha suas portas em 1934, não resistindo à chegada do jovem livreiro José Olympio, vindo de São Paulo, que também se lança no negócio da importação e tradução de livros. Os fundos da casa francesa no Rio de Janeiro são vendidos a Ferdinand Briquet.

¹¹ É o que nos informa Ellana de Freitas Dutra (1999) em primoroso artigo sobre a história da edição do Almanaque Garnier.

ORDENAR E CLASSIFICAR: AS BIBLIOTECAS JUVENIS NO CATÁLOGO DA LIVRARIA GARNIER DE 1858

A ordem interna de um catálogo de venda de livros deve ser interpretada não apenas como o resultado das decisões e escolhas do que vale a pena ser comercializado. Definir e organizar coleções é, antes de tudo, uma operação difusora e transmissora de sistemas de representação, classificação e divisão do mundo que visa a interferir diretamente nas disposições do público leitor.¹² Organizar livros em coleções é um modo de estabelecer hierarquias, aproximações e diferenças. Por isso, as estratégias dos livreiros não podem prescindir das expectativas, reais ou supostas, de seus leitores. As coleções supõem modos de apropriação que, por sua vez, são relativos às comunidades de interpretação. Essas comunidades distinguem-se, entre outras propriedades, por certas categorias de percepção do mundo social. Trata-se do estabelecimento de uma relação negociada entre o profissional do livro e o leitor, adulto e criança, relação que firma um pacto de credibilidade e confiança mútua intermediado pela compra e leitura do livro. Os irmãos Garnier sabiam o que oferecer ao seu público. Para as crianças e jovens brasileiros, apostam na longevidade dos clássicos da literatura francesa e européia, grande parte reedições de obras do século XVIII e da primeira metade do século XIX, que compravam das mais prestigiadas casas do ramo, como a de Eugene Ardant, de Limoge, a de Alfred Mame, de Tours e a dos parisienses Lehubey e Didier. Como esses editores não possuíam pontos de venda na América Latina, certamente faziam bom negócio com os irmãos Garnier. Afinal, as representações européias que distinguiam os povos americanos do sul não estavam reduzidas ao temor à prática do canibalismo, principalmente num país como o Brasil, que enchia os olhos dos franceses com imagens de ouro, prata e diamantes.

Ordenar e classificar estão na base da formação das bibliotecas infantis e juvenis. Principalmente devido à sua função maior de agir nas disposições, na formação do *habitus*, oferecendo a toda a família modelos de escrita, princípios para a educação doméstica e para a observação da piedade religiosa. Sendo assim, no catálogo de venda da livraria de Baptiste-Louis Garnier de número 14, denominado *Livre Classique, D'Instruction Publique, D'Éducation*

¹² O conceito "sistema de representação do mundo social" é de autoria do sociólogo Pierre Bourdieu (1979).

*et Livres Illustrés Pour La Jeunesse*¹³ – *En Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Grec, Italien Et Latin*,¹⁴ e anunciado para o ano de 1858, estão representadas as principais correntes e doutrinas do pensamento francês do século XIX – a moral em ação, a ciência natural e a piedade religiosa.

Inteiramente em francês, as obras são organizadas por ordem alfabética dos nomes de seus autores. Logo ao primeiro contato, fica claro um sistema de representação construído em torno da legitimidade das obras, que, acima de tudo, ilustra lutas de classificação na escolha dos livreiros responsáveis. Na ordem desse catálogo há duas grandes séries de representações: a primeira, formada por textos que professam, ainda que literariamente, instruções morais, ou a interiorização das regras de um catolicismo que se pretendia racional; uma outra, de textos que divulgam os prodígios e descobertas da ciência natural, e que partem de autores e narrativas que professam o cristianismo reformado.

Na primeira série, podemos incluir a *Revue Catholique de La Jeunesse*, um compêndio sobre religião, educação, instrução e recreação. Essas obras católicas têm o distintivo de serem aprovadas pelos comitês eclesiásticos de leitura, verdadeiros tribunais de censura e, por conseguinte, de controle da leitura, aos quais os editores precisavam submeter-se. Na segunda, pode-se incluir tanto o clássico de Mme. Guizot, *Lettres de Famille sur L'Éducation*, um romance epistolar de inspiração rousseauiana e que versa sobre as virtudes naturais da educação infantil, quanto o curioso título *La Nature et ses Productions, ou Entretiens sur L'Histoire Naturelle*, que igualmente mostra todas as influências do “homem natural”. Ambos os modelos realçam as preocupações adultas em colocar a “moral em ação” na leitura das crianças e jovens. Essa estratégia de agrupamento de livros bem ilustra uma lógica de produção textual, mas também o modo como as idéias européias são apropriadas no Brasil de meados do século XIX.

Malgrado toda a empresa classificatória dos Garnier, uma obra como o romance histórico *Les Portugais d'Amérique – Souvenirs Historique de la Guerre du Brésil en 1635* pode não encontrar lugar determinado nesse sistema

¹³ É interessante notar que a indicação *Pour la Jeunesse* pode contemplar obras destinadas tanto às crianças quanto aos jovens, que são os adolescentes.

¹⁴ Tomamos para análise somente a lista de livros da tradição literária francesa que partiram para o Brasil, visto que os livros nos outros idiomas eram basicamente livros didáticos, manuais, dicionários, gramáticas etc.

de representação posto em jogo no catálogo. Nesse romance moral, a autora, Julie Delafaye-Bréhier, aproveitando-se da narrativa da ocupação holandesa em Olinda, tece uma trama sobre as relações coloniais brasileiras, pondo em linguagem sistemas de referências próprios aos personagens: colonos portugueses, índios americanos e escravos negros. Sua complexidade deve-se à propagação para a juventude de princípios cristãos, tanto católicos como reformados.¹⁵

Quando abrimos os catálogos e passamos ao exame mais detalhado de seu *corpus*, logo percebemos alguns critérios que definem sua organização. O primeiro é repetir certas obras em outras coleções, talvez sinalizando prudência comercial – quais as garantias de que as crianças brasileiras iriam aderir, de pronto, aos livros franceses da Rua do Ouvidor? Acima de tudo, elas precisavam ser providas de famílias de elite e saber ler ou entender a audição no idioma de Berquin.¹⁶ Como lembra Jean Hébrard (2005), a transformação dos clássicos de uma literatura semi-educativa em literatura infantil só é possível pelo recurso de sua cobertura em belas capas ilustradas, tornando-os bastante caros e, assim, destinando-os ao consumo dos filhos das famílias burguesas. Os Garnier deviam se perguntar: qual é o lugar exato para as *Aventuras de Robinson Crusoó*, o clássico de Daniel De Foe, para os contos católicos de Schmid (o cônego), para os *Contos de Perrault* ou o romance de Swift, as famosas *Viagens de Gulliver*? Esses livros, junto aos nomes de seus autores, também figuram no catálogo de número 11 – *Romans Illustrés*.

Um outro critério traduz-se no esforço dos responsáveis em propor uma divisão temática para a apresentação dos títulos. Mesmo que essa divisão não venha assinalada, nota-se a iniciativa em categorizar gêneros textuais, já tentando separar o que é considerado didático do que é literário, e, assim, os livreiros franceses dão início ao longo processo de acumulação do patrimônio necessário à formação de um campo literário produtor de romances destinado ao público infantil e juvenil. Afinal, seria preciso inventar uma tradição. Ainda do ponto de vista de sua organização interna, o

¹⁵ Uma análise deste romance histórico, que toma o índio brasileiro como tema, foi por mim apresentada no grupo de trabalho *Pensamento Social no Brasil*, durante o 29º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 25 a 29 de outubro de 2005. Ver: Leão (2005).

¹⁶ Uma importante referência sobre a natureza das leituras juvenis, bem como sobre os livros traduzidos e destinados ao público escolar que circulavam pelo Brasil durante o século XIX, é o artigo de Circé Maria Fernandes Bittencourt, *Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)*. Ver: Bittencourt (2004).

documento mostra todo o sortimento de que dispunham os Garnier em seus fundos comerciais e as inúmeras possibilidades de negócios com outras casas editoras especializadas em bibliotecas infantis.

Constando de aproximadamente duzentos títulos, entre livros instrutivos e recreativos, álbuns ilustrados para crianças, as obras que compõem o catálogo de vendas de número 14 destacam-se, sobretudo, pelo ecletismo e variedade. Essa última característica certamente revela todo o cuidado que os Garnier sabiam precisar manter em relação às práticas de consumo do novo público brasileiro, talvez pouco habituado à leitura.

Os livros dessa coleção podem ser divididos no seguinte agrupamento temático,¹⁷ com destaque para as obras mais representativas:

1. Episódios históricos – *Beautés de L'Histoire de France*, de Blanchard;
2. Clássicos da literatura, incluindo romances, contos, poesias e aventuras – *Don Quixotte de la Manche*, de Cervantes, *L'Ami des Enfants et des Adolescents*, de Berquin, *Aventures de Robinson Crusoé*, de Foe, *Contes de Fées*, de Perrault;
3. Tratados literários de educação – *Lettres des famille sur L'Éducation*, de Mme. Guizot;
4. Narrativas de viagem, com enredos descritivos ou ficcionais – *Voyages de Gulliver*, de Swift, *Voyages en Zigzag*, de Topffer, *Voyage Illustré dans les Cinq Parties du Monde*, de Adolphe Joanne;
5. Literatura edificante, em que as lições de moral ganham o colorido da ficção – *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint Pierre;
6. Biblioteca de contos cristãos, mas que não se compõe de manuais de prática religiosa, catecismos, missais, livros de primeira comunhão – *Bibliothèque de la Jeunesse Chétienne*;
7. Imitação dos clássicos, releituras e versões adaptadas – *Le Robinson Suisse*, de Wyss, e *Le Robinson des Sables du Désert*, de Mirval;
8. Narrativas exemplares, biografias de personagens célebres ou anônimos – *Enfances Célèbres*, de Mme. Louise Colet;
9. Fábulas – *Fables*, de La Fontaine;
10. Álbuns ilustrados ou livros para crianças – *Livres des Petits Enfants*.

¹⁷ Esse agrupamento já vem suposto no próprio título do catálogo de número 14. Vale notar que, mesmo com uma referência à instrução pública, não encontramos na coleção manuais didáticos.

Percebe-se que não há uma preocupação em definir a infância e a juventude em classes de idades. Esses livros tanto são destinados às crianças e jovens franceses quanto aos brasileiros, numa clara estratégia de estabelecer entre essas duas comunidades um universo cultural comum. O objetivo revelado da oferta de livros franceses para jovens brasileiros pode ser, além da já comentada intenção de “tocar a alma latina”, a imposição de modelos de leitura que poderiam produzir muitos outros efeitos, como o enriquecimento da vida intelectual dos novos leitores, a formação de um gosto e de uma prática da escrita. Nas advertências e notícias bibliográficas assinaladas nesse catálogo, sobressai a demanda dos livreiros à participação dos adultos intermediários, a exemplo do que ocorre com os títulos que versam sobre educação, muitas vezes dirigidos prioritariamente aos pais.

○ CATÁLOGO DE 1920: APOSTA NA LONGEVIDADE DOS CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A organização do catálogo para o ano de 1920 insiste na durabilidade da coleção de livros da tradição literária européia, o que demonstra que a empresa dos irmãos Garnier para o novo público brasileiro porta um projeto intelectual que, certamente, dá sua contribuição para a formação de uma cultura para a infância e a juventude.

Uma vez tendo conquistado a legitimidade para os clássicos que importavam e vendiam desde meados do século XIX e, em conseqüência, preservado um capital literário, os Garnier do Brasil passam a investir no trabalho de tradução e adaptação. Não sabemos ao certo quando publicam as primeiras versões para o português de tão charmoso repertório de livros. Mas uma questão de ordem estilística se impõe à família: como enfrentar o “envelhecimento do estilo” de obras com um século ou mais de existência? De que modo perpetuar o gosto do leitor, tornando esses títulos perenes e, portanto, sempre atuais? De Paris, os Garnier respondem: intervindo no texto, adaptando-o ao gosto do momento, reescrevendo-o, se necessário. Quer dizer, quando os livreiros passam a reeditar o livro infantil, aproveitam para se iniciar num trabalho de adaptação dos textos. Na nota de advertência ao livro de Mme. de Genlis, *Le Veillées du Chateau*, de 1880, os Garnier franceses declaram ter feito desaparecer os “detalhes inúteis”, as imperfeições do que entendem ser um “labirinto de conversação”, recursos típicos de uma literatura de feição romântica. Suprimir, corrigir, adicionar passagens aos

textos que recebem: estas são as novas funções dos irmãos livreiros-editores, que fazem questão de dizer que as mudanças são operadas com reserva e não tocam na estrutura da obra.

Talvez essa tenha sido a mesma orientação seguida pelos gerentes responsáveis pela livraria-editora do Rio de Janeiro. No Catálogo Geral da Livraria Garnier para o ano de 1920, há cinco coleções literárias: 1. *Álbuns Infantis com Gravuras Coloridas*; 2. *Álbuns e Livros para Prêmios*; 3. *Biblioteca Infantil*; 4. *Contos de Schmid*; e 5. *Biblioteca da Juventude*. São compostas basicamente pelos mesmos títulos que já figuravam no acervo da casa do século precedente. As notícias que acompanham as obras continuam trazendo indicações para uma aplicação moral das narrativas pontuadas pelas condutas exemplares de seus personagens. Inteiramente em português, neste catálogo, destacam-se algumas traduções dos clássicos franceses feitas por Pinheiro Chagas, Teófilo Braga e Ramiz Galvão. Os dois primeiros traduzem as *Fábulas de La Fontaine*, cabendo ao terceiro a tradução da *Novena da Candelária*, de autoria de Charles Nodier. Encontra-se, todavia, traduções levadas a cabo por autores franceses, como os *Contos de Fadas*, de Perrault e Mme. D'Aulnoy, por um certo J. J. A. Burgain, revelando ainda as relações com a Casa matriz.

Dentre os autores publicados pela Garnier, o mais traduzido no Brasil é o alemão Christophe Schmid. Nos anais de nossa literatura infantil, esse autor merece toda uma coleção de livros com seu nome. Desde o século XIX, torna-se famoso e popular com suas pequenas histórias exemplares. Schmid foi padre-professor, eclesiástico e fundador de uma república católica e internacional das letrinhas. Seus personagens são crianças virtuosas, em boa parte órfãs e filhas devotas que vivem aventuras inspiradas em passagens da Bíblia. Mas o Cônego Schmid (como tornara-se conhecido) é, antes de tudo, homem de responsabilidades políticas. Nascido na Baviera alemã, em 15 de agosto de 1768, antes da Revolução Francesa, é autêntico representante dos valores morais do antigo regime. Em 1801, inicia sua carreira literária, escrevendo aos jovens. Na França, suas obras passam a circular a partir de 1820, logrando lugar de honra na duração da produção editorial. São incluídas nas coleções de formação moral e nas bibliotecas cristãs por todo o século XIX.

Como professor de teologia, desde cedo, Christophe Schmid combate a favor do catolicismo, fazendo face às idéias do cristianismo reformado. Talvez por esse motivo tenha permanecido nos catálogos Garnier do Brasil. Sua coleção mantém estreito relacionamento com o repertório de títulos

religiosos. De tão populares e aceitos, os *Contos do Cônego* se pretendiam substitutos realistas dos *Contos de Charles Perrault*, tidos, pelos defensores de um catolicismo racional, como demasiado fantasiosos.

Como narrador, Schmid assume a voz de um pai de família. Suas coleções destinam-se às bibliotecas domésticas, suportes da educação de formação religiosa, e são indicadas para a leitura tanto dos adultos como das crianças.

Em 1865, Baptiste-Louis Garnier oferece uma segunda edição brasileira da tradução dos *Contos do Cônego*, em um livro síntese com suas melhores histórias morais, conselhos e lições destinados às futuras gerações. Em 1920, encontramos no catálogo Garnier não mais um livro-compilação, e sim toda uma coleção dos principais contos: *Ovos de Páscoa*; *Henrique D'Eichenfels*; *Rosa de Tannenburgo*; *Capella da Floresta*; *O Cestinho de Flores*; *A Cruz de Madeira*; *O Carneirinho*; *A Rola*; *Genoveva de Brabant*. Por trás da aparente dispersão dos títulos há princípios bem definidos, que visam a unificar a coleção: o tamanho e formato dos volumes, bem como a moralidade cristã das histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como na história literária francesa, a crítica textual brasileira continua insistindo no caráter disciplinar dessas obras que compõem a primeira fase da produção destinada às crianças e jovens. Restam, porém, algumas questões: por que esses livros foram, por longos anos, tão reeditados, comercializados e lidos? Por que foram importados, traduzidos e adaptados? Enfim, quais as razões de seu reiterado sucesso?

Talvez a resposta possa ser encontrada, como sugere Françoise Huguet (1997), na história cultural da infância e da literatura. Daí a importância de se ir além dos critérios de análise da crítica textual e partir do estudo das configurações culturais nas quais se produzem e transmitem os livros, sobretudo para compreender a lógica das importações e traduções. Essa lógica, expressa na organização interna das coleções de livros dos primeiros catálogos de venda da livraria Garnier, foi decisiva para a formação e autonomia da literatura infantil e juvenil brasileira. Nosso nacionalismo literário não esteve alheio ao movimento das trocas culturais, como a circulação internacional, as importações, traduções, adaptações e novas escritas de textos clássicos.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa - Revista da Faculdade de Educação da USP*, São Paulo, vol. 30, n. 3, p. 475-491, set./dez. 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *La distanction*. Critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
- CATALOGUES DE LA LIBRAIRIE DE B. L. GARNIER. Rio de Janeiro, 1857, 1858, 1920. Paris: Bibliothèque Nationale de France.
- CATALOGUE ROUEN. Livre et l'enfant, 1700-1900, la production rouennaise de manuels et de livres pour l'enfance et la jeunesse. Paris: Musée National de l'Éducation, 1993.
- CATÁLOGO DE VENDAS DA LIVRARIA DE GARNIER IRMÃOS, 1878. Paris: Bibliothèque Nationale de France.
- CATÁLOGO DE VENDAS dos livros portugueses, latinos e franceses da Casa de V. J. P. Aillaud, Guillard e Cia, 1866. Paris: Bibliothèque Nationale de France.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler*. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. p.477-504.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- HÉBRARD, Jean. *Como a biblioteca chegou à escola: evolução das políticas de leitura na França do século XX*. Paris: INRP (Serviço de História da Educação) e C.N.R.S, 2005.
- HUGUET, Françoise. *Les livres pour l'enfance et la jeunesse de Gutemberg à Guizot – les collections de la Bibliothèque de l'Institut National de Recherche Pédagogique*. Avec la participation d'Isabelle Havelange. Paris: Institut national de recherche pédagogique – Éditions Klincksick, 1997.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura*. Leis e números por detrás das letras. São Paulo: Ática, 2001.
- LEÃO, Andréa Borges. Os portugueses da América – romance do Brasil Colonial, por Mme. Julie Delafaye-Brôhier. In: Anais eletrônicos do 29º Encontro Anual da ANPOCS, GT – Pensamento Social. Caxambu: 2005.
- MOLLIER, Jean-Yves. La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIII^e au XX^e siècle. In: MICHON, Jacques; MOLLIER, Jean-Yves. *Les mutations du livre et de l'éditions dans de monde du XVIII^e siècle à l'an 2000*. Actes du Colloque International. Sherbrooke: 2000.
- _____. Les mutations de l'espace éditorial français du XVIII^e au XIX^e siècle. In: *Éditions, Éditeur (1)*. Actes de la recherche en Sciences Sociales, n. 126-127, mars 1999.

_____. *L'argent et les lettres* – histoire du capitalisme d'édition (1880-1920). Paris: Fayard, 1988.

PAINET, Elisabeth. *Une histoire de l'édition à l'époque contemporaine. XIX^e – XX^e siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

PORTRAITS DE LIBRAIRES – La famille des Garnier. Extrait du Bulletin de L'Association. H. C. Libraire-expert du Tribunal de la Seine. Paris: impr. A. Fleury, 1913.

Recebido: 09/09/04

Aprovado: 31/06/05